

# RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM OFICINAS QUE EXPLORAM INCURSÕES URBANAS EM DIÁLOGO COM PRÁTICAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO

*Eneida de Almeida  
Maria Carolina Maziviero*

## Resumo

Este texto propõe o relato de experiências desenvolvidas em oficinas realizadas no âmbito de duas edições sucessivas da Jornada do Patrimônio promovidas pela Secretaria de Cultura do Município de São Paulo, intituladas “Cidade Metafórica I” e “Cidade Metafórica II”, durante dois dias seguidos do mês de agosto (em 2016 e 2017), e repropostas com algumas variações na programação da 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo (janeiro de 2018). Com o interesse de ampliar a noção do bem cultural, de modo a superar a ideia do patrimônio consagrado, na direção da percepção do habitante, as atividades apoiaram-se em discussões relacionadas aos conceitos de espaço e lugar, tendo sido rebatidas em relatos e vivências realizadas em incursões na área central da cidade, com o desejo de estimular a criação de narrativas e mapeamentos pessoais amalgamados aos registros do grupo.

**Palavras-chave:** Patrimônio arquitetônico e urbano; relatos de experiências; mapeamentos.

## Abstract

This text offers an account of experiences developed in workshops held during two successive editions of the Jornada do Patrimônio (Heritage Journey) promoted by the Department of Culture of the City of São Paulo, called “Cidade Metafórica I (Metaphorical City I)” and “Cidade Metafórica II (Metaphorical City II)”. The two day workshops were held on August (2016 and 2017) and repeated with some variations as part of the program of the 11<sup>th</sup> Biennial of Architecture of São Paulo (January 2018). Aiming at broadening the notion of cultural asset, in order to overcome the idea of established heritage and moving towards the perception of the inhabitant, the activities were based on discussions related to the concepts of space and place, which were questioned later on through accounts and group dynamics performed in excursions along the central area of the city, aspiring to encourage the creation of personal narratives and mappings amalgamated to the records of the group.

**Keywords:** architectural and urban heritage; accounts of experiences; mappings.

## Resumen

Este texto propone el relato de experiencias desarrolladas en talleres realizados en el marco de dos ediciones sucesivas de la Jornada del Patrimonio promovidas por la Secretaría de Cultura del Municipio de São Paulo, tituladas “Ciudad Metafórica I” y “Ciudad Metafórica II”, durante dos días seguidos del “ el mes de agosto (en 2016 y 2017), y repropuestas con algunas variaciones en la programación de la 11ª Bienal de Arquitectura de São Paulo (enero de 2018). Con el interés de ampliar la noción del

bien cultural, para superar la idea del patrimonio consagrado, en la dirección de la percepción del habitante, las actividades se apoyaron en discusiones relacionadas con los conceptos de espacio y lugar, habiendo sido rebatidas en relatos y vivencias realizadas en incursiones en el área central de la ciudad, con el deseo de estimular la creación de narraciones y mapeos personales amalgamados a los registros del grupo.

**Palabras-clave:** patrimonio arquitectónico y urbano; relatos de experiencias; asignaciones.

## INTRODUÇÃO

Escapando às totalizações imaginárias do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível. Neste conjunto, eu gostaria de detectar práticas estranhas ao espaço “geométrico” ou “geográfico” das construções visuais, panópticas ou teóricas. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações” (“maneira de fazer”), a “uma outra espacialidade”, (uma experiência “antropológica”, poética e mítica do espaço) a uma mobilidade opaca e cega da cidade habitada. Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível (Michel De Certeau, 1998, p.172).

O estudo da cidade como um organismo complexo e mutante, repleto de significações, permite diversas abordagens, segundo distintos campos de conhecimento e formas variadas de representação.

Há processos de interpretação e representação da cidade calcados em visões consolidadas, em imagens catalogadas e largamente conhecidas. Duas formas de documentação podem ser ilustrativas dessa condição: os cartões postais, constituídos por referências significativas da paisagem arraigadas à memória da população; os inventários de bens tombados, inseridos no domínio do patrimônio cultural, definidos por critérios institucionais compartilhados com a coletividade.

Com base no entendimento de Michel De Certeau (1998), o propósito aqui

é outro: transpor a superfície, extrapolando aquilo que é mais evidente, procurando, por um lado, explorar estratos submersos, numa tentativa de penetrar nos meandros de um território desconhecido, e, por outro, por em prática certas condutas experimentais, deixando-se guiar pelo imprevisto, pela intuição, buscando assim aproximar-se da vivência cotidiana dos cidadãos, justamente por entender que tais estratégias possam ser apropriadas para a condução das políticas urbanas contemporâneas.

Este texto propõe o relato de experiências desenvolvidas em oficinas realizadas no âmbito de duas edições sucessivas da Jornada do Patrimônio (2016 e 2017), promovidas pela Secretaria de Cultura do Município de São Paulo, intituladas “Cidade Metafórica I” e “Cidade Metafórica II”, durante dois dias seguidos no mês de agosto. Uma terceira incursão foi reproposta como parte da programação da 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo (janeiro de 2018). As atividades foram concebidas e desenvolvidas por uma equipe que reuniu as autoras deste artigo a duas outras proponentes: Angela Di Sessa, fotógrafa, mestrado em Artes Visuais, com experiência em exposições e documentação de temas ligados à memória e ao patrimônio cultural; e Marcia Benevento, arquiteta e urbanista, mestre na Área de Estruturas Ambientais Urbanas, com experiência na criação de espaços lúdicos.

As experiências, que estabelecem ligações com pesquisas realizadas pelas autoras do artigo junto ao Programa de

Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu (PGAUR/USJT), tiveram como objetivo o reposicionamento dos participantes em relação aos valores atribuídos à cidade, a seus artefatos e aos espaços urbanos, considerando suas múltiplas camadas de memória e de usos, através de vivências exercitadas durante a realização das atividades, com o objetivo de estimular o olhar consciente e a capacidade de ativar novas tessituras imaginárias e vínculos afetivos. O próprio conceito de patrimônio foi debatido, uma vez que se buscava reformulá-lo com base nas noções de pertença e cidadania.

Em dois dias de trabalho (3h/dia) as Oficinas “Cidade Metafórica I e II” propuseram aos participantes elaborar registros de diferentes naturezas, que se traduzissem em inventários dos percursos vividos e narrativas poéticas, por meio da observação atenta e do exercício da capacidade de perscrutar a cidade em sua dimensão física e simbólica.

No primeiro dia, os trabalhos foram divididos em três etapas: 1) apresentação da proposta aos participantes – reunidos na Sede do Arquivo Histórico Municipal, na primeira e na Sala Café da Galeria Olido, na segunda edição – seguida de algumas dinâmicas coletivas de sensibilização, envolvendo a relação entre corpo e espaço; 2) realização das dinâmicas iniciais adaptadas ao espaço aberto; 3) realização das caminhadas pela área central da cidade – na primeira edição o percurso explorou o Bairro Bom Retiro, na segunda, o Largo do Paissandu – com

o intuito de executar operações sucessivas de observação, sinalização de pontos de interesse e finalmente registro de elementos, pessoas e situações, fossem elas peculiares, inesperadas, ou cotidianas.

No segundo dia, os resultados foram visualizados, comentados e mapeados, segundo critérios estabelecidos pelos participantes após a discussão e compartilhamento das experiências e dos registros feitos na expedição do dia anterior. Os registros parciais e a cartografia final foram compartilhados na página do evento do Facebook, durante e após a realização das atividades, incentivando interação entre os participantes, a troca de material e a comunicação das diferentes formas de mapeamento das sensações vividas.

O relato dessas experiências, a nosso ver, permite problematizar a associação entre o desenho (e outras formas de representação) e a cidade a partir da percepção do corpo, admitindo essa mediação como condição para a elaboração particular daquela associação.

## ESBOÇANDO METAS E CAMINHOS

Conforme Michel De Certeau:

A cidade-panorama é um simulacro “teórico” (ou seja, visual), em suma um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas. (...) Mas embaixo (*down*), a partir dos limiares onde cessa a visibilidade, vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa

experiência, eles são caminhantes, pedestres, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto urbano” que escrevem sem poder lê-lo. (DE CERTEAU, 1998, p. 171)

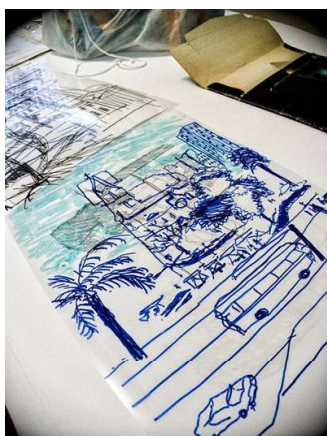
O autor sugere que as práticas organizadoras da cidade habitada ocorrem em meio a uma espécie de cegueira determinada pela própria imersão do cidadão no território vivido. A investigação sobre a habitabilidade do espaço, sobre como vivemos e construímos um lugar, permite enveredar por indagações sobre a nossa presença no mundo: que lugar ocupamos? Que lugar nos pertence? A que mundo pertencemos? Essa abordagem requer uma aproximação sensível, que concilie uma esfera estritamente técnica e científica a uma matriz de compreensão mais humanística, deslocada do saber especializado, indo em direção à percepção do habitante, nos moldes de uma *“experiência antropológica, poética e mítica do espaço”*, como sugere M. De Certeau, em busca de uma *“cidade metafórica”* que se pretende desvelar.

Tornar próprio um lugar – ambientar-se – demanda exercitar uma forma de conhecimento semelhante à realização de uma descoberta, fruto de uma incursão por porções recônditas do território e da memória, distinta da lógica utilitária predominante no cotidiano, que permeia a locomoção e o contato diário, pautados especialmente pela rotina casa-trabalho, casa-escola, escola-trabalho-casa, ou por deslocamentos equivalentes, muitas vezes mecânicos e repetitivos.

O objetivo da atividade proposta foi o de propiciar um embate com a cidade, por meio de caminhadas no espaço urbano em condições singulares de observação, que provocassem não apenas experiências de deslocamento físico, ao se transitar pelo espaço urbano, mas, sobretudo, um deslocamento da percepção, de modo a potencializar a criação de novos mapeamentos e relatos urbanos.

Nessa perspectiva, interessava ampliar a noção do bem cultural, de modo a superar a ideia do patrimônio consagrado, aludindo a uma compreensão mais próxima da sensibilidade do cidadão, considerando presenças marginais, situações menos cristalizadas e, desse modo, colocar em discussão a visão oficial amplamente difundida, atentando ao registro de territórios preteridos e à criação de novas narrativas. A memória, nesse contexto, apresenta-se como um mecanismo de compartilhamento de lembranças conectadas ao momento e espaço presentes e, ao mesmo tempo, instrumento poderoso de demarcação de subjetividade, lugar de resistência, de recriação e reordenamento da existência individual e coletiva (ALMEIDA, 2017).

Partindo-se do princípio de que a ideia de patrimônio não advém de uma condição imanente do próprio bem, mas afirma-se a partir de um pacto social e que, portanto, transcende a esfera individual e não se limita exclusivamente ao conhecimento técnico, é que se colocou entre as metas principais dessa iniciativa construir coletivamente referências e repertórios ligados à leitura urbana,



**Figura 1** – Representação como meio de ambientação e reconhecimento do lugar. Foto: Angela Di Sessa

à compreensão da paisagem e dos seus componentes como suportes de memória, que pudessem amparar as discussões relativas aos temas da preservação do patrimônio cultural e que refletissem a respeito dos critérios de seleção do que preservar, por que e como fazê-lo.

O estudo articula, portanto, a exploração dos espaços públicos (e meios de representação) de áreas centrais com a discussão dos conceitos de patrimônio e das práticas de preservação, apontando para o alargamento dessas compreensões e procurando revigorar um sentido de lugar compartilhado no panorama atual da cidade (Figura 1).

## REFERÊNCIAS E ITINERÁRIOS

A formulação da Oficina usufruiu da aproximação de certos autores e suas respectivas abordagens, consideradas oportunas referências de suporte para as discussões e práticas propostas. Eis alguns deles e os enfoques privilegiados nas conversas: o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses e a reflexão acerca dos conflitos entre preservação e ordenação urbana; o arquiteto norueguês Norberg-Shulz e o estreitamento de vínculos entre o exercício da arquitetura e o mundo dos “fenômenos” concretos da vida cotidiana; Guy Debord e sua *Teoria da deriva* com referência às práticas de deambulação, que inspiraram não só o deslocamento no espaço público, mas também a dinâmica das atividades desenvolvidas; Michel de Certeau e a

criatividade desenvolvida por meio de táticas de resistência à reprodução acrítica de procedimentos tecnicistas.

Como afirma Meneses

(...) é por meio de elementos empíricos do ambiente urbano que os significados são instituídos, criados, circulam, produzem efeitos, reciclam-se e se descartam. Afinal, a corporalidade é base de nossa condição humana. Além disso, não sendo os significados derivados de nossa constituição genética, nem tendo natureza estável, mas sendo produto de escolha e, portanto, historicamente instituídos, mutáveis e diversificáveis, não são nas coisas selecionadas elas próprias que devemos buscar critérios conclusivos para identificar o que compõe esse sistema de referências e guias. São nas forças que geram os interesses e nos conflitos que podem opô-los (...) que encontraremos as chaves pelas quais certos atributos geométricos e físico-químicos (os únicos imanentes) das coisas permitem a mobilização a serviço do sentido. Sem as práticas sociais não há sentidos sociais. Mas também não há significados sociais sem vetores materiais. (MENESES, 2006, p. 37)

Meneses, ao examinar os critérios de valoração dos bens culturais urbanos e as condutas de patrimonialização, questiona a polaridade entre patrimônio material e imaterial, na medida em que indica a inadequação de se dissociar a dimensão física das práticas de significação social. O autor discorda da conduta usual presente no ambiente cultural paulistano que associa o

interesse patrimonial a usos culturais pre-  
tensamente eruditos, ligados à indústria  
cultural e, por consequência, desconecta-  
dos das práticas sociais corriqueiras.

Christian Norberg-Schulz, e sua obra  
*Intentions in Architecture* (1963), com-  
põe a antologia crítica de Kate Nesbitt  
(2006), com vistas a abarcar o enfoque  
fenomenológico da arquitetura. O arqui-  
teto, segundo a pesquisadora, esboça uma  
compreensão abrangente da arquitetura,  
com base na obra do filósofo alemão  
Martin Heidegger (1889-1976) e na fe-  
nomenologia de Edmund Husserl (1889-  
1938), propondo um “retorno às coisas,  
em oposição às abstrações e construções  
mentais”. Norberg-Schulz, conforme  
assinala Nesbitt, identifica o potencial  
da fenomenologia “como a capacidade  
de dar significado ao ambiente mediante  
a criação de lugares específicos”. Remete-  
se ao conceito romano de *genius loci*,  
segundo o qual há uma divindade que  
preside o lugar habitado pelo homem, ou  
seja, reafirma a conexão dos lugares com o  
sagrado, evocada na fundação das cidades  
antigas. Habitar um lugar, de acordo com  
essa concepção, requer “estar em paz num  
lugar protegido”. Nessa perspectiva, a  
arquitetura corresponderia ao ato arque-  
típico de delimitar um lugar no espaço,  
tornando “clara a localização da existência  
dos homens que, na definição de Heideg-  
ger, está entre o céu e a terra, em face dos  
seres divinos” (Nesbitt, 2006, p. 443-444).

Segundo Norberg-Schulz (In  
Nesbitt, 2006, p. 455), “orientação” e  
“identificação” são pontos fundamentais  
do “estar-no-mundo do homem”. Se a

“orientação” é qualidade do “homem  
peregrino” e faz parte da sua própria  
natureza, a “identificação” é a base do en-  
raizamento e possibilita “ter uma relação  
amistosa com determinado ambiente”.

As experiências do grupo dos Situ-  
acionistas, desenvolvidas no ambiente  
cultural francês, envolvendo um movi-  
mento artístico e político do final dos  
anos 1950, avançando pelos anos 60,  
associadas a uma postura de contestação  
aos padrões estabelecidos, mostram-se  
apropriadas para estimular as práticas de  
deambulações propostas pela Oficina.  
Aqueles condutas recuperaram certas  
práticas de errância do final dos anos  
1920-30 introduzidas pelos dadaístas,  
depois retomadas pelos surrealistas, na  
exploração do território com o intuito de  
se apropriar do espaço e, assim, estreitar a  
relação entre o corpo e o espaço, entre o  
indivíduo e o ambiente.

A Internacional Situacionista (I  
S), criada por Guy Debord em 1957,  
valeu-se das doze edições da revista *IS*  
(1958-1969) para difundir suas táticas  
políticas e criativas em vários países da  
Europa, estreitando relações entre a arte  
e o urbanismo, deslocando-a para a esfe-  
ra política (JACQUES, 2003). Essas prá-  
ticas afirmavam-se como ações libertárias  
contra a sociedade capitalista e o aparato  
cultural institucionalizado. Correspon-  
diam a ações rápidas, percursos improvi-  
sados, numa inversão dos deslocamentos  
usuais e previsíveis. A “deriva” seria o  
vaguear do indivíduo que não estabelecia  
*a priori* o destino e o percurso, mas se  
deixava levar pela “paixão”, pela intuição,

pelo acaso, atento aos sinais do próprio território e aos sentimentos que esse ambiente despertaria nele próprio.

Pensadores como Michel De Certeau procuram dar algumas pistas aos que desejam outro mundo para ser vivido, aos insatisfeitos com a relação entre os homens e o espaço urbano e os homens entre si nas grandes cidades. Propõe uma aproximação poética na medida em que pressupõe um fazer artístico criativo desenvolvendo-se no próprio dia-a-dia. Defende os caminhos tortuosos, não o percurso mais breve, na perspectiva de ampliar fronteiras, rompê-las, ativar paixões, sentimentos, emoções que possam estimular a imaginação e o intelecto.

### **A OFICINA CIDADE METAFÓRICA: DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E OBJETIVOS**

O objetivo da atividade foi propiciar uma experiência que despertasse discussões

distanciadas das concepções mais estritas de patrimônio, normalmente associadas tanto ao que é excepcional na paisagem, quanto às restrições de apropriação vinculadas ao instrumento do tombamento, como medida essencial de preservação do bem cultural. De modo equivalente, procurou-se desenvolver uma dinâmica que fugisse aos cânones mais rígidos de produção científica, valendo-se de estratégias estranhas às lógicas acadêmicas convencionais, condizentes com os próprios objetivos da Jornada do Patrimônio, cujo papel corresponde precisamente em estreitar as relações entre os organismos de cultura e de preservação do patrimônio e a população de modo geral.

Nesse sentido, pensou-se ser oportuno exercitar os corpos em movimento, ao mesmo tempo em que se reconstituíam diversas camadas de memórias e de interações sociais associadas às dinâmicas do espaço percorrido, procurando relacioná-las à perspectiva de discussão da construção e apropriação da cidade e de sua representação simbólica.

A Oficina nasceu dentro das Jornadas do Patrimônio em sua implantação, em 2015, e vem se desenvolvendo desde então a partir de parâmetros de trabalho similares, que, porém, se atualizam em função do processo de reflexão que se desencadeia em cada edição.

Configurada como uma oficina-expedição pretende explorar a construção do conhecimento mediante vivências de deslocamentos de eixos de percepção e registro do simples cotidiano, ativados pela mobilidade a pé, com o propósito de

**Figura 2** – Exame do material coletado para a elaboração do mapeamento coletivo. Fotos: Maria Carolina Maziviero.





desencadear novos processos de leitura e interpretação do “texto urbano”.

A caminhada cria condições de referência para observação da área central de São Paulo, assim como é a própria referência a ser observada, ou seja, cidade vista a partir do deslocamento, por meio de vivências induzidas ao longo do percurso e coleta de material. (Figura 2).

### Objetivos gerais

Discutir e ampliar o conceito de patrimônio cultural provocando um deslocamento perceptivo do participante em relação à cidade através de uma oficina, na qual ocorrerão vivências estimuladoras de novos vínculos, modos de reconhecimento e de resignificação do estar na cidade, do próprio conceito de patrimônio.

### Objetivos específicos

Criar mapeamentos e inventários dos percursos vividos, narrativas poéticas, desenvolvendo o olhar e a capacidade de reconhecimento e reposicionamento de valores atribuídos à cidade, aos espaços e aos meios de ativação de memória.

### Procedimentos

Atividades de sensibilização, registro e produção de material de observação em dois encontros com duração de 4 horas cada, com a possibilidade de se estender individualmente em período extra aula.

A programação prevê a integração entre atividades que ocorrerão em um ambiente interno, adequado para a

reunião do grupo e para o desenvolvimento de reflexão e, atividade externa em percurso na cidade.

### Primeiro encontro

Exercícios de sensibilização e movimento corporal voltados à ampliação da capacidade sensorial e cognitiva do espaço. A proposta da atividade em recinto fechado se justifica por possibilitar uma abordagem mais controlada e de menor grau de complexidade para os registros que serão realizados de modo intercalado às caminhadas.

No mesmo período ocorrerá primeira incursão em campo.

### Segundo encontro

Nova expedição a campo em que se renova a observação e registro de ambientes e dos elementos que o compõem

O interesse principal é registrar outras espacialidades a partir do corpo a corpo com o espaço público, que confronta a cidade planejada e visível. Interligada ao interesse central coloca-se a possibilidade de se discutir diferentes formas de representar – por mapeamentos, desenhos, sons ou fotos – e se relacionar com o território. A expectativa é que a discussão ofereça suporte para a elaboração de novos relatos e, portanto, propicie novas formas de organização subjetiva e novos vetores de relacionamento com a cidade de São Paulo (Figura 3).

### ALGUNS APONTAMENTOS ENTRE A ESTABILIDADE E O MOVIMENTO

Em suas várias edições, as oficinas-expedição, consideram a pertinência de recuperar ideias e práticas apoiadas nas referências aqui mencionadas, no sentido de reformular a nossa relação com a cidade, moldada pouco a pouco por automatismos, por vínculos meramente utilitários, em que os deslocamentos não usufruem necessariamente da nossa atenção ao percurso, à paisagem, às suas evidências materiais, nem tampouco à sua dimensão simbólica e memorial.

Interessava-nos ainda ativar uma discussão de patrimônio que acolhesse múltiplos olhares, interpretações e narrativas, para compor uma abordagem plural ditada mais pela diversidade de posições e expectativas, do que pelos consensos até então confirmados por uma visão do patrimônio oficial e institucional. Uma

experiência que pudesse ampliar e intensificar um diálogo entre pesquisadores de várias áreas do conhecimento e o público em geral, entre as pessoas interessadas em estreitar os elos com a cidade e com outros habitantes, reforçando as noções de identidade e pertença.

Movimentar-se possibilita adquirir consciência do corpo e de si próprio, permite conquistar autonomia e desenvolver uma postura ativa, que se relaciona com a cognição, orientação e apropriação do território. Oferece condições de parametrar-se com o entorno e vice-versa, estabelecendo ligação entre o sujeito e o espaço, durante o tempo de deslocamento. Propicia, assim, reagir aos mecanismos regrados preestabelecidos, pretensamente objetivos da experiência moderna. Alternando a visão panóptica ao percurso do pedestre, deslocando-se do alto da torre ao rés do chão, da cartografia tradicional aos mapas afetivos, reconstrói-se um mapa pessoal a ser compartilhado com o grupo e amalgamado ao registro coletivo.

Quem sabe as experiências aqui expostas possam revelar pistas mesmo que embrionárias para estimular novas práticas e representações da cidade contemporânea que possam articular as discussões sobre o patrimônio material e imaterial, norteando novas formas de produção e conservação da cidade.

**Figura3** – Exercício de observação e representação à distância. Foto: Angela Di Sessa.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

269

- ALMEIDA, Eneida de. “Cidade e desenho entre memória e criação”. Anais do IV Seminário Internacional “Arquitecturas – imaginadas: Representação Gráfica Arquitectónica e Outras-Imagens”. Madrid: ETSAM, 2017.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.
- NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosacnaify, 2006.
- JACQUES, Paola B. (org.). **Apologia da deriva**. Escritos situacionistas sobre a cidade. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MENESES, Ulpiano Bezerra T. de. **A cidade como bem cultural**. Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. São Paulo: IPHAN, 2006.

---

ENEIDA DE ALMEIDA – Doutora em Arquitetura e Urbanismo; Professora da graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas | prof.eneida@usjt.br

MARIA CAROLINA MAZIVIERO – Doutora em Arquitetura e Urbanismo; Professora da graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Paraná | mcarolmazi@hotmail.com